



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
LICENCIATURA EM LETRAS COM LÍNGUA PORTUGUESA E ARTES**

BEATRIZ SILVA FREITAS

**A REALIZAÇÃO DE /t, d/ DIANTE DE [i] NO INTERIOR DO PIAUÍ:
ANÁLISE DE DADOS DO PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL
(ALiB)**

Feira de Santana
2025

BEATRIZ SILVA FREITAS

**A REALIZAÇÃO DE /t, d/ DIANTE DE [i] NO INTERIOR DO PIAUÍ:
ANÁLISE DE DADOS DO PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL
(ALiB)**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para aprovação na disciplina Metodologia da Pesquisa em Letras do Curso de Licenciatura em Letras com Língua Portuguesa do Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS, ministrada pela Profa. Dra. Huda da Siva Santiago.

Orientadora: Profa. Dra. Josane Moreira de Oliveira

Feira de Santana
2025

FOLHA DE APROVAÇÃO

BEATRIZ SILVA FREITAS

A REALIZAÇÃO DE /t, d/ DIANTE DE [i] NO INTERIOR DO PIAUÍ: ANÁLISE DE DADOS DO PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL (ALiB)

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa da Universidade Estadual de Feira de Santana como requisito para a obtenção do título de Licenciada em Letras – Língua Portuguesa sob a orientação da Profa. Dra. Josane Moreira de Oliveira.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Josane Moreira de Oliveira (UEFS)

Profa. Dra. Norma Lúcia Fernandes de Almeida (UEFS)

Prof. Dr. Leandro dos Santos Almeida (UEFS)

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Jeová Deus, o “Deus feliz”, por me carregar em Seus braços e me sustentar em todos os dias da minha vida. Aos meus pais, Selma Freitas e Carlos Freitas (*in memoriam*), por me instruírem com sabedoria e por estarem sempre presentes em minha trajetória. Às minhas queridas irmãs, Esther e Quezia, minha eterna gratidão por serem grandes incentivadoras, irmãs no mais pleno sentido da palavra e amigas leais. À minha avó Teresinha, por me apresentar a Jeová Deus e me conduzir ao conhecimento de Sua Palavra — que hoje carrego comigo como ouro e prata, junto ao coração.

À família Silva — tios, tias e primos— e aos amigos, especialmente Beatriz, Maria do Carmo, Sara, Zayra e Ana Clara, por serem um suspiro de alívio em meio ao caos, meu muito obrigada. A cada um de vocês que segurou minha mão até aqui e me ajudou a alçar voos, inclusive intercontinentais, deixo minha mais profunda gratidão.

Expresso, também, meus sinceros agradecimentos à Doutora Josane Oliveira, minha orientadora, por todo o acolhimento, parceria e maestria com que me guiou nesta jornada acadêmica. Sou imensamente grata por cada ensinamento compartilhados com tamanha genialidade e humildade — sem ela, este trabalho não teria sido possível. Agradeço, ainda, aos membros da banca pela disponibilidade e pelas valiosas contribuições ao desenvolvimento deste trabalho.

À Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e à Assessoria Especial de Relações Internacionais (AERI), pela promoção de experiências incríveis, como a minha inserção no Ensino Superior e o intercâmbio acadêmico.

À equipe do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), pela disponibilização do *corpus* da pesquisa, e ao CNPq, pelo financiamento da pesquisa de Iniciação Científica.

A todos vocês que fizeram parte de anos inesquecíveis da minha vida, o meu mais sincero e emocionado obrigada!

*Mas os que esperam em Jeová recuperarão as
forças. Voarão alto como as águias. Correrão e
não ficarão exaustos; andarão e não se cansarão.
(Isaías 40:31 – Bíblia Sagrada)*

RESUMO

Este trabalho investigou a variação na realização das consoantes /t, d/ diante de [i] em duas localidades do interior do Piauí – Picos e Corrente. Nesse contexto, essas consoantes podem ser produzidas como dento-alveolares ([t, d]) ou palatais ([tʃ, dʒ]), em palavras como *tia*, *dia*, *leite* e *tarde*. A pesquisa seguiu os pressupostos teórico-metodológicos da Dialetologia (Cardoso, 2002; 2010; Thun, 2017) e da Sociolinguística Variacionista (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]; Labov, 2008 [1972]; Labov, 2001), utilizando como *corpus* os dados coletados pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). O estudo buscou contribuir para a descrição do português brasileiro, analisando fatores diatópicos, linguísticos e sociais que podem influenciar essa variação. Os dados foram levantados, codificados e processados no programa estatístico GoldVarb X (Sankoff; Tagliamonte; Smith, 2005), considerando a palatalização como regra de aplicação. Os resultados obtidos indicaram a correlação com as variáveis ‘Localidade’, ‘Parte do inquérito’, ‘Sonoridade da consoante’, ‘Sexo’, ‘Posição da sílaba’ e ‘Classe de palavra’, nesta ordem de importância. Constatou-se a variação diatópica nesses municípios do Piauí, com a localidade de Corrente favorecendo a palatalização (peso relativo de 0,691) e a localidade de Picos a inibindo (peso relativo de 0,273). Quanto às demais variáveis previsoras, a palatalização é favorecida na parte mais monitorada do inquérito (peso relativo de 0,606), pela consoante surda /t/ (peso relativo 0,628), pelas mulheres (peso relativo 0,602), pela sílaba medial (peso relativo 0,739), pelos numerais (peso relativo 0,775), substantivos (peso relativo 0,544) e preposições (peso relativo 0,538).

Palavras-chave: Dialetologia; Sociolinguística; Projeto ALiB; Palatalização de /t, d/; Piauí.

ABSTRACT

This study investigates the variation in the realization of the consonants /t, d/ before [i] in two localities in the interior of Piauí – Picos and Corrente. In these contexts, these consonants can be produced as dento-alveolar ([t, d]) or palatal ([tʃ, dʒ]), in words such as *tia*, *dia*, *leite*, and *tarde*. The research follows the theoretical-methodological principles of Dialectology (Cardoso, 2002; 2010; Thun, 2017) and Variationist Sociolinguistics (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]; Labov, 2008 [1972]; Labov, 2001) using as its corpus the data collected by the Linguistic Atlas of Brazil Project (ALiB). The study aims to contribute to the description of Brazilian Portuguese by analyzing diatopic, linguistic, and social factors that may influence this variation. The data were collected, coded, and processed using the GoldVarb X statistical software (Sankoff; Tagliamonte; Smith, 2005), considering palatalization as the application rule. The results indicate a correlation with the variables ‘Locality’, ‘Interview section’, ‘Consonant voicing’, ‘Gender’, ‘Syllable position’, and ‘Word class’ in this order of importance. A diatopic variation was identified in the municipalities of Piauí under investigation, with the locality of Corrente favoring palatalization (relative weight of 0.691) and Picos inhibiting it (relative weight of 0.273). Regarding other predictor variables, palatalization is favored in the most monitored part of the interview (relative weight of 0.606), by the voiceless consonant /t/ (relative weight 0.628), by women (relative weight 0.602), in medial syllables (relative weight 0.739), and in numerals (relative weight 0.775), nouns (relative weight 0.544), and prepositions (relative weight 0.538).

Keywords: Dialectology; Sociolinguistics; ALiB Project; Palatalization of /t, d/; Piauí.

.

LISTA DE SIGLAS

AERI	Assessoria Especial de Relações Institucionais
ALF	Atlas Linguistique de la France
ALiB	Atlas Linguístico do Brasil
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
PI	Piauí
QFF	Questionário Fonético-Fonológico
QMS	Questionário Morfossintático
QSL	Questionário Semântico-Lexical
UEFS	Universidade Estadual de Feira de Santana
UFBA	Universidade Federal da Bahia

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Rede de pontos da Região Nordeste (Projeto ALiB)	24
Figura 2: Localização de Picos-PI	25
Figura 3: Localização de Corrente-PI	26
Gráfico 1: Resultado geral dos dados de /t, d/ diante de [i] em Picos e Corrente-PI	30

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro 1: Variáveis controladas na pesquisa	29
Tabela 1: Palatalização de /t, d/ diante de [i] e ‘Localidade’	31
Tabela 2: Palatalização de /t, d/ diante de [i] e ‘Parte do inquérito’.....	32
Tabela 3: Palatalização de /t, d/ diante de [i] e ‘Sonoridade da consoante’.....	34
Tabela 4: Palatalização de /t, d/ diante de [i] e ‘Sexo do informante’.....	35
Tabela 5: Palatalização de /t, d/ diante de [i] e ‘Posição da sílaba’.....	36
Tabela 6: Palatalização de /t, d/ diante de [i] e ‘Classe de palavra’.....	37
Tabela 7: Percentual de palatalização nas variáveis descartadas	39

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 A VARIAÇÃO DE /t, d/ DIANTE DE [i]	15
3 QUADRO TEÓRICO-METODOLÓGICO	19
3.1 DIALETOLOGIA: PRINCÍPIOS BÁSICOS	19
3.2 A SOCIOLINGUÍSTICA: UMA NOVA PERSPECTIVA PARA OS ESTUDOS LINGUÍSTICOS	20
3.3 O PROJETO ALiB	22
3.4 LOCALIDADES PESQUISADAS	24
3.4.1 Município de Picos	24
3.4.2 Município de Corrente	25
4 PROCEDIMENTOS	28
5 ANÁLISE DOS DADOS	30
5.1 VARIÁVEIS SELECIONADAS	31
5.1.1 Localidade	31
5.1.2 Parte do inquérito	32
5.1.3 Sonoridade da consoante	34
5.1.4 Sexo	35
5.1.5 Posição da sílaba	36
5.1.6 Classe de palavra	37
5.2 VARIÁVEIS DESCARTADAS	38
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS	43

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa é resultado do Plano de Trabalho de Iniciação Científica vinculado ao Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) e tem como objetivo contribuir para o mapeamento linguístico da Região Nordeste. A investigação centra-se na realização variável das consoantes /t/ e /d/ diante da vogal [i] no interior do Estado do Piauí, especificamente nas cidades de Picos e Corrente, que fazem parte da rede de pontos do ALiB. Busca-se analisar a alternância entre as realizações dento-alveolares [t, d] e as formas palatalizadas [tʃ, dʒ], observadas em palavras como *mentira*, *diarista*, *sorvete* e *parede*. Toda a pesquisa foi conduzida sob a perspectiva teórico-metodológica da Dialetologia (Cardoso, 2002; 2010; Thun, 2017) e da Sociolinguística (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]; Labov, 2008 [1972]; Labov, 2001).

O Projeto ALiB tem como objetivo principal descrever a realidade linguística do português do Brasil, com ênfase na identificação das diferenças diatópicas (fônicas, morfossintáticas e léxico-semânticas) a partir da metodologia da Geolinguística Pluridimensional. Nesse sentido, o ALiB tem se mostrado um grande aliado para os estudos linguísticos brasileiros sobre variação, pois fornece um vasto banco de dados de língua falada para pesquisadores e profissionais da área de Letras e de áreas afins.

O Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) apresenta um caráter pluridimensional ao adotar uma abordagem que contempla variáveis sociais como sexo, faixa etária e escolaridade, com o objetivo de compreender a relação entre língua e sociedade e destaca-se por empregar a metodologia da geolinguística pluridimensional (cf. Cardoso; Mota, 2012), que investiga as variações linguísticas observáveis nos diferentes dialetos.

Essa metodologia permite captar a variação diatópica em diferentes níveis da língua, como os aspectos fonético-fonológicos, morfológicos, sintáticos e lexicais. Conforme Cardoso e Mota (2012),

Trata-se, portanto, de um projeto que se desenvolve no campo da variação linguística, mais especificamente no campo da Dialetologia e com base na Geolinguística, caminho metodológico que se ocupa da cartografia dos fatos de língua, cuja produção de maior relevância se consubstancia nos atlas linguísticos. (Cardoso; Mota, 2012, p. 855)

Diante da diversidade fonético-fonológica do português brasileiro, resultante, entre outros fatores, das variadas influências de diferentes línguas, observa-se que a realização das consoantes /t, d/ diante da vogal [i] pode ocorrer de duas formas principais: como dento-alveolares [t, d] ou como palatalizadas [tʃ, dʒ] (cf. Mota; Oliveira, 2023). Assim, esta pesquisa

tem como objeto de estudo a articulação variável dessas consoantes diante da vogal /i/ fonológica, como em *tio*, *dia*, *atrativo* e *diadema*, e diante da vogal [i] derivada, fruto do alçamento da vogal [e], como em *leite*, *tarde*, *prateleira* e *desde*.

Ao investigar essa variação em duas localidades do Estado do Piauí (Picos e Corrente), busca-se responder às seguintes perguntas: Predomina a articulação palatalizada ou dento-alveolar entre os falantes dessas cidades? Quais variáveis linguísticas atuam nessa variação? As variáveis sociais ‘Sexo’ e ‘Faixa etária’ influenciam essa variação? Há diferença entre as duas cidades?

Dessa forma, esta pesquisa tem como objetivo geral investigar a realização variável das consoantes /t, d/ diante de [i], que pode ser dento-alveolar ou palatalizada, nas cidades de Picos e Corrente – PI. Tendo como hipótese que esse fenômeno é variável na Região Nordeste, para alcançar esse alvo, busca-se especificamente: a) identificar qual a realização predominante (dento-alveolar ou palatalizada) de /t, d/ diante da vogal [i] em Picos e em Corrente – PI; b) verificar se há diferenças dialetais entre as duas localidades quanto a essa variável; e c) descrever os condicionamentos linguísticos e sociais da variação analisada.

Nessa perspectiva, é interessante salientar que, durante muito tempo, a língua foi considerada um sistema homogêneo e essa visão estritamente linear da língua fez com que suas inúmeras variações, entendidas como erros ou desvios da norma, fossem negligenciadas nos estudos linguísticos. No entanto, com o avanço das pesquisas, a língua passou a ser compreendida como um sistema dinâmico e heterogêneo, abrindo espaço para novos estudos sobre seu funcionamento.

A Sociolinguística, consolidada como disciplina no século XX, constitui um marco fundamental para a compreensão da diversidade linguística e das interações entre língua e sociedade. Sob essa perspectiva, torna-se evidente que determinadas variantes linguísticas estão historicamente associadas a grupos sociais específicos, o que pode reforçar estígmas e alimentar práticas de preconceito linguístico.

A escolha deste tema está intrinsecamente ligada à trajetória da autora do referido estudo, natural de Feira de Santana, cidade caracterizada por um intenso fluxo migratório entre diferentes regiões, o que torna a variação fonético-fonológica especialmente evidente. Ademais, por possuir raízes familiares no sertão da Bahia, em localidades onde prevalece a realização dento-alveolar, seu interesse pelo fenômeno linguístico em questão foi ainda mais aguçado.

No exercício de sua prática docente como professora de Língua Portuguesa, a autora percebe que a temática da variação linguística ainda carece de maior aprofundamento no ambiente escolar. Frequentemente, algumas variantes são interpretadas como desvios da norma

culta, sendo a articulação palatalizada dessas consoantes oclusivas comumente associada à educação formal e a grupos de maior prestígio socioeconômico.

Tal realidade reforça o preconceito linguístico e contribui para a desvalorização das variedades regionais. Nesse sentido, esta pesquisa justifica-se por sua relevante contribuição ao mapeamento do português brasileiro, ao descrever características linguísticas de um grupo pouco estudado, o que representa um avanço significativo para a literatura linguística. Além disso, o estudo contribui para o reconhecimento e a valorização da diversidade linguística, evidenciando a riqueza cultural e comunicativa das comunidades analisadas, o que reforça a necessidade urgente de mapeamentos detalhados para a preservação e o aprofundamento do conhecimento sobre a variação linguística no Brasil.

Esta monografia está estruturada, além desta seção introdutória, em mais quatro seções principais, seguidas das considerações finais e das referências. A seção 2 dedica-se a uma breve revisão da literatura pertinente ao objeto de estudo, com foco na realização das consoantes /t/ e /d/ diante da vogal [i]. A seção 3 expõe o referencial teórico-metodológico que fundamenta a investigação. Na seção 4, são detalhados os procedimentos adotados para o tratamento e a organização dos dados empíricos. Finalmente, a seção 5 apresenta e discute os resultados obtidos à luz do referencial teórico-metodológico previamente estabelecido.

2 A VARIAÇÃO DE /t, d/ DIANTE DE [i]

No português do Brasil, as consoantes oclusivas /t/ e /d/, quando ocorrem antes da vogal alta [i], seja essa vogal fonológica, como em *tia* e *dia*, ou derivada, ou seja, resultante do alcance de uma vogal média em posição átona, como em *leite* e *tarde*, podem ser pronunciadas de forma dento-alveolar, mantendo sua articulação oclusiva, ou podem ser realizadas como africadas, produzindo os sons [tʃ] e [dʒ], respectivamente.

Esse processo de palatalização, além de ser condicionado foneticamente, também foi observado por Silva Neto (1986 [1950]) como um fenômeno influenciado por fatores sociolinguísticos. Segundo o autor, a mudança do -e final para -i em diversas palavras gerou formas palatalizadas, cuja intensidade varia conforme o nível social dos falantes, como em *fonti* > *fontʃi* e *verdadi* > *verdadʒi*.

Logo é essencial compreender o contexto que sustenta e explica uma mudança linguística, conforme argumenta Camacho (2001):

O exame da linguagem no contexto social é tão importante para a solução de problema próprios da teoria da linguagem, que a relação entre língua e sociedade é encarada como indisciplinar. Como a linguagem é em última análise um fenômeno social, fica claro para a sociolinguística que é necessário recorrer às variações derivadas do contexto social para encarar respostas para o problema que emergem da variação inerente ao sistema linguístico. (Camacho, 2001, p. 50)

Nessa vertente, a variação não é algo externo à língua, mas sim parte integrante de seu funcionamento. Compreender a coexistência de duas ou mais variantes exige uma análise atenta do contexto social em que se manifestam, uma vez que seu uso está diretamente condicionado por fatores sociolinguísticos.

Como afirmam Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), é importante reconhecer que nem toda variabilidade implica mudança, embora toda mudança dependa de variabilidade e heterogeneidade. A presença de duas ou mais formas de realização na fala dos indivíduos não é, por si só, suficiente para confirmar que uma mudança linguística está em curso. Entretanto essa coexistência fornece indícios que, quando analisados à luz do contexto linguístico e social, permitem a formulação de hipóteses sobre a direção e os agentes da possível mudança.

Mota e Oliveira (2023) investigaram a realização de /t, d/ antes da vogal [i] em todas as capitais brasileiras e constataram que a palatalização predomina na maior parte delas. Destaca-se aqui, em especial, a capital do estado que constitui o foco deste estudo, Teresina, onde foi

identificado um alto índice de palatalização (98%).

Conforme destacam as autoras, trata-se de um fenômeno ainda pouco investigado nas localidades do interior.

Tendo sido analisados apenas os dados das capitais brasileiras, resta a análise dos [...] pontos das localidades do interior para que se tenha uma visão geral da variação entre as realizações dento-alveolares e palatais das consoantes /t, d/ diante da vogal anterior alta, fonológica /i/ e derivada [i] no português do Brasil. (Mota; Oliveira, 2023, p. 132)

As autoras ainda ressaltam que é uma necessidade investigar também as localidades do interior para se obter uma visão mais abrangente da variação entre as realizações dento-alveolares e palatais das consoantes /t, d/ diante da vogal anterior alta [i] no português do Brasil. Este estudo busca, portanto, dar início a essa análise, funcionando como um vetor inicial nesse processo de aprofundamento no interior do Piauí (Picos e Corrente).

Pesquisas desenvolvidas sobre esse fenômeno, em diferentes estados do interior do Nordeste, revelaram dados relevantes. Santos (2018), em sua investigação nos municípios de Imperatriz e Alto Parnaíba, no interior do Maranhão, identificou a ‘Nasalidade da vogal’ como a principal variável na realização palatal. A autora conclui que “prevalece a realização palatal de /t, d/ diante de [i] nas comunidades examinadas, que atinge 99,3% das ocorrências, o que se configura como uma regra quase categórica” (Santos, 2018, p. 30).

Em sentido diverso, estudos realizados no interior de Pernambuco apontam um comportamento distinto. Em análise conduzida nas cidades de Caruaru e Garanhuns, destacou-se a influência da ‘Consoante precedente’ como a variável mais relevante para a realização palatal. Dos 3.050 dados coletados, apenas 533 (17,5%) apresentaram realização palatal de /t, d/ diante de [i], enquanto 2.517 (82,5%) corresponderam à realização dento-alveolar, indicando que, nessas comunidades, o padrão predominante é a não-palatalização (Bulcão, 2018).

No interior da Bahia, verificou-se que a palatalização apresenta variação significativa entre as diferentes regiões, caracterizando-se como um fenômeno de natureza diatópica, cuja ocorrência está diretamente relacionada à procedência geográfica dos falantes, conforme apontado por estudos realizados no âmbito do Projeto ALiB (Ribeiro, 2018).

Já em Sobral e Iguatu, no interior do Ceará, a realização predominante de /t, d/ diante da vogal [i] é a palatalizada, embora haja variações dialetais entre as duas localidades quanto a esse fenômeno (Assis, 2023). De maneira diferente, embora Campina Grande – PB apresente um favorecimento da palatalização em termos de peso relativo, os percentuais observados revelam uma tendência conservadora nas localidades analisadas, com predomínio da realização

dento-alveolar em detrimento da articulação palatalizada, considerada uma inovação no português brasileiro (Lima, 2024).

Esses dados evidenciam que a palatalização de /t, d/ diante de [i] é um fenômeno variável, cuja manifestação ocorre de forma heterogênea nas diferentes regiões do Nordeste. Nesta pesquisa, ganha relevo, de maneira inédita, a investigação no interior do Piauí, ampliando o escopo das análises já realizadas em outros estados da região.

A partir desses estudos, nota-se que a palatalização tem sido percebida como uma forma socialmente valorizada, sendo, em muitas regiões do Brasil, associada a uma realização “mais apropriada” ou “mais bonita”, sobretudo em contextos formais. No entanto essa valorização pode, por consequência, invisibilizar ou deslegitimar outras formas igualmente legítimas de realização linguística.

Nesse cenário, a escola desempenha um papel central: pode tanto contribuir para uma compreensão crítica e inclusiva da variação linguística, quanto para reforçar estigmas e preconceitos, dependendo da abordagem que adota. Como observado por Chinoy (1991),

As escolas, mais do que qualquer outro organismo, estão adrede organizadas para familiarizar as crianças com sua herança cultural. [...] Transmitindo de uma geração a outra crenças firmadas, conhecimentos, valores e habilidades, concorre para a continuidade e a persistência de uma vida social organizada. [...] Com poucas exceções, a maioria das pessoas aprende a ler, escrever e calcular na escola. [...] A sociedade como um todo, proporciona a preservação e a transmissão da cultura. (Chinoy, 1991, p. 541)

Dado que a escola constitui um espaço privilegiado de formação social e linguística, é fundamental que adote uma abordagem reflexiva e consciente em relação às variações da língua. Nesse contexto, estudos sobre a variação das consoantes /t/ e /d/ diante da vogal [i] no português brasileiro demonstram que certos traços fonéticos estão intrinsecamente ligados a variáveis sociais.

Acerca dessas variáveis, uma variável linguística é concebida segundo Labov (2008) como:

[...] correlacionada com alguma variável não-lingüística do contexto social: o falante, o interlocutor, o público, o ambiente etc. Alguns traços lingüísticos (que chamaremos de indicadores) mostram uma distribuição regular pelos grupos socioeconômicos, étnicos e etários, mas são usados por cada indivíduo mais ou menos do mesmo modo em qualquer contexto. Se os contextos sociais puderem ser ordenados em algum tipo de hierarquia (como grupos socioeconômicos ou etários), podemos dizer que tais indicadores são estratificados. Variáveis sociolinguísticas mais altamente desenvolvidas (que chamaremos de marcadores) não somente exibem distribuição social, mas

também diferenciação estilística. (Labov, 2008 [1972], p. 275-276)

Por conseguinte, compreender que as variações fonéticas refletem condições sociais distintas valoriza a língua como expressão de identidade, promovendo uma educação línguística mais ampla. A análise das localidades na rede de pontos do ALiB permitirá mapear a variação de /t, d/ diante de [i] no português brasileiro, fazendo desta pesquisa uma contribuição essencial para o entendimento e a valorização das variações linguísticas no contexto educacional, enriquecendo o debate sobre diversidade e inclusão na formação linguística escolar.

3 QUADRO TEÓRICO-METODOLÓGICO

Esta seção apresenta os fundamentos que orientam a pesquisa, com foco na compreensão da variação linguística no português brasileiro. São abordadas as contribuições Dialetologia e da Sociolinguística bem como reflexões sobre o preconceito linguístico. Além disso, destaca-se o papel do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) como referência teórico-metodológica. Na sequência, contextualizam-se as localidades analisadas e descrevem-se os procedimentos utilizados na coleta e organização dos dados.

3.1 DIALETOLOGIA: PRINCÍPIOS BÁSICOS

A Dialetologia tem origem no século XIX e se caracteriza como um ramo da linguística dedicado ao estudo dos dialetos, tendo como finalidade investigar suas características fonéticas, fonológicas, morfológicas, sintáticas e léxicas, responsáveis pelas diferenças e semelhanças nas formas de falar em diferentes regiões. Em outras palavras, a Dialetologia dedica-se à investigação das variações linguísticas condicionadas por fatores geográficos, enquanto a Sociolinguística concentra-se na análise das variações determinadas por fatores sociais. A respeito da Dialetologia, Cardoso (2002) argumenta que

A Dialectologia apresenta-se, no curso da história, como uma disciplina que assume por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica. Dois aspectos fundamentais estão, pois, na sua gênese: o reconhecimento das diferenças ou das igualdades que a língua reflete e o estabelecimento das relações entre as diversas manifestações linguísticas documentadas ou entre elas e a ausência de dados registrados, circunscritos a espaços e realidades pré-fixados. (Cardoso, 2002, p. 1)

Diante disso, a Dialetologia se apresenta como um ramo fundamental para a compreensão da diversidade linguística e cultural de uma região, pois os dialetos, variantes geográficas de uma língua, refletem a história, a geografia e os aspectos sociais de uma comunidade.

Nos últimos anos, os estudos dialetológicos têm ampliado seu escopo analítico, ao integrarem dimensões sociais às tradicionais análises diatópicas, adotando uma abordagem pluridimensional da variação linguística. Esse avanço teórico-metodológico tem sido acompanhado por inovações tecnológicas que contribuem significativamente para o armazenamento e o tratamento cartográfico de dados geolinguísticos, favorecendo a

modernização e a expansão da Dialetologia no Brasil e em outros contextos (Cardoso, 2010). Os avanços tecnológicos também têm ajudado no desenvolvimento de novos instrumentos de coleta. Por exemplo, “agora é possível ouvir asserções dos falantes mais de uma vez, sem que o falante tenha que participar do processo” (Thun, 2017, p. 70).

Além disso, a Dialetologia exerce um papel histórico-social relevante ao documentar traços da língua que contribuem para a compreensão de sua singularidade, transformação e funcionamento no espaço geográfico. Nesse processo, é essencial considerar as diferentes formas de variação linguística. A variação geográfica, ou diatópica, diz respeito às diferenças linguísticas observadas entre falantes de diferentes regiões, enquanto a variação social, ou diastrática, está ligada a fatores identitários e à organização sociocultural das comunidades de fala, como explica Alkmim (2001):

A variação geográfica ou diatópica está relacionada às diferenças linguísticas distribuídas no espaço físico, observáveis entre falantes de origens geográficas distintas. A variação social ou diastrática, por sua vez, relaciona-se a um conjunto e fatores que tem a ver com a identidade dos falantes e também com a organização social cultural da comunidade de fala. (Alkmim, 2001, p. 34)

Essa concepção, ao destacar a produtividade da variação linguística, nos leva a refletir também sobre a negação dessa própria produtividade e a estigmatização dos falares regionais, que se configura como preconceito linguístico. Como muito bem retratado por Bagno (2015), esse processo está enraizado em uma visão elitista e normatizadora da língua, na qual a forma padrão (geralmente associada à classe dominante ou à cultura centralizada) é considerada a única legítima.

O preconceito linguístico se baseia na crença de que só existe uma única língua portuguesa digna desse nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola – gramática – dicionário é considerada, pela ótica do preconceito linguístico, ‘errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente’, e não é raro a gente ouvir que ‘isso não é português’. (Bagno, 2015, p. 64)

Desse modo, o autor evidencia que o preconceito linguístico nasce da negação da variação como um elemento intrínseco à língua. Frente a isso, as contribuições da Dialetologia (com base na metodologia da Geolinguística pluridimensional) e da Sociolinguística, enquanto ciências voltadas ao estudo sistemático da variação linguística, revelam-se fundamentais. Ambas oferecem ferramentas teóricas e metodológicas que não apenas promovem a valorização

da diversidade linguística brasileira mas também possibilitam a desconstrução de estigmas e o enfrentamento efetivo do preconceito linguístico em nossa sociedade.

3.2 A SOCIOLINGUÍSTICA: UMA NOVA PERSPECTIVA PARA OS ESTUDOS LINGUÍSTICOS

Embora nas discussões sobre Sociolinguística prevaleçam a associação e a ênfase aos estudos de William Labov, não se pode desconsiderar os seus antecessores. Em 1964 esta ciência começou a ser difundida através de uma conferência realizada na Universidade da Califórnia. Nesse momento, o nome que recebe destaque pela publicação de trabalhos e por fomentar as discussões acerca de uma nova perspectiva linguística é William Bright. Esse evento representa um marco na história da Sociolinguística, visto que é a partir dele que ela se estabelece formalmente como um campo da Linguística. Durante essa conferência, vários pesquisadores que “se constituiriam, posteriormente, em referências clássicas na tradição de estudos voltados para a questão da relação entre linguagem e sociedade” (Alkmim, 2001, p. 28) se fizeram presentes, a exemplo de William Labov, Dell Hymes e John Fisher.

Até então, a visão proeminente nos estudos linguísticos (principalmente de cunho gerativista e estruturalista) era a de homogeneidade linguística, ou seja, a língua era compreendida apenas em seu sentido linear, restrita à sua estrutura, e tudo que fugia à norma era classificado como erro. A partir da Sociolinguística, a língua passa a ser considerada um objeto heterogêneo assim como é a própria sociedade, o que não significa dizer que essa condição implica na língua uma ausência de regras; pelo contrário, o seu funcionamento passa a ser entendido dentro de um contexto extralingüístico em que as regras naturalmente são estabelecidas nas situações de uso, o que é confirmado por Coelho et al. (2018):

Mesmo que a princípio se possa pensar que heterogeneidade implica ausência de regras, a Sociolinguística vê a língua como um objeto dotado de **heterogeneidade estruturada** – logo, há regras, sim. Decorre daí que, enquanto a língua concebida como sistema homogêneo contém somente regras categóricas, que sempre se aplicam da mesma maneira, a língua concebida como sistema heterogêneo comporta, ao lado de regras categóricas, também regras variáveis, condicionadas por fatores tanto do contexto linguístico como do contexto extralingüístico. (Coelho et al., 2018, p. 59)

Nesse panorama, William Labov é considerado o pai da Sociolinguística e suas contribuições para essa ciência são inúmeras. Destaca-se, entre elas, seu pioneirismo nos estudos sobre variação e mudança linguística realizados por meio da observação e análise da

fala em determinadas comunidades. A partir desses estudos detalhados, Labov demonstrou que as mudanças e as variações linguísticas não ocorrem de forma aleatória, mas seguem padrões e recebem influências de variáveis como sexo, escolaridade e idade, por exemplo. Ele também foi responsável pelo desenvolvimento do método sociolinguístico, baseado na coleta sistemática de dados em situações reais de fala, o que permitiu uma análise mais precisa e empírica da relação entre linguagem e sociedade. Esse método revolucionou os estudos linguísticos ao integrar aspectos sociais à análise linguística, revelando, por exemplo, como certos grupos utilizam variantes linguísticas específicas como forma de identidade ou prestígio social (Labov, 1966).

Conforme ressaltado por Tarallo (2001), é importante compreender a língua como o vernáculo utilizado pela comunidade de fala, ou melhor, como a expressão natural do discurso, a língua em seu contexto autêntico e disso se ocupa a Sociolinguística. É nesse sentido que essa ciência se dedica à análise da língua em contextos reais, considerando aspectos sociais como classe social, gênero, faixa etária e nível de escolaridade.

Portanto a Sociolinguística se distingue como uma nova perspectiva para os estudos linguísticos, pois possui como foco o estudo da relação entre língua e sociedade, a fim de buscar compreender como as variações linguísticas ocorrem em diferentes contextos sociais e como as atitudes linguísticas são moldadas pelas comunidades de fala.

3.3 O PROJETO ALiB

O Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) foi iniciado em 1996, na Universidade Federal da Bahia, como resultado de uma parceria acadêmica entre diversas instituições brasileiras, o que lhe confere um caráter nacional e colaborativo de pesquisa¹. A partir de 2016, a Universidade Estadual de Feira de Santana tornou-se parceira do ALiB, com as pesquisas desenvolvidas e orientadas pela Profa. Dra. Josane Oliveira.

Em muitos países, já existem atlas linguísticos que têm como objetivo compreender as isoglossas presentes em uma mesma área, como é o caso do *Atlas linguistique de la France* (ALF), publicado entre 1902 e 1912.

Nessa linha de raciocínio, o ALiB descreve a realidade linguística do Brasil, no que tange à língua portuguesa, de modo a retratar as peculiaridades de seus fenômenos variáveis, utilizando uma metodologia fundamentada na Geolinguística Pluridimensional, a qual

¹ Para mais informações sobre o Projeto ALiB, cf. site: <http://alib.ufba.br>.

considera variações diafáginas, diarreferenciais, diafásicas, diatópicas, diastráticas e diassexuais.

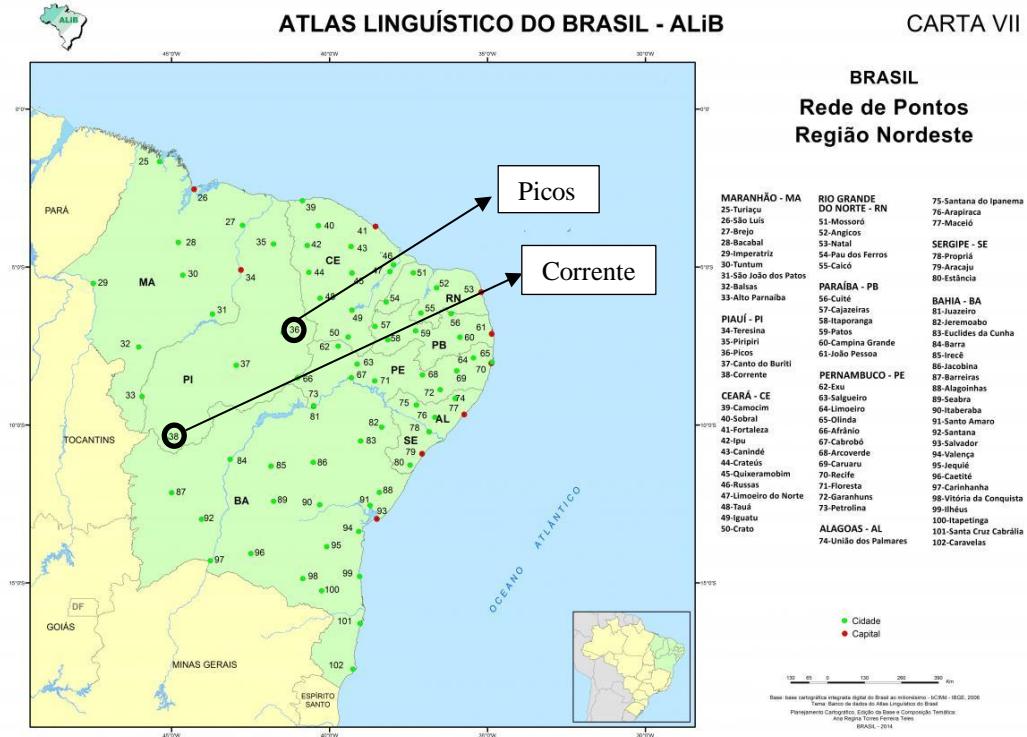
Para a realização desse Projeto, dados foram coletados em 250 localidades do Brasil, sendo elas capitais (exceto Palmas e Brasília em razão serem capitais recém constituídas) e localidades do interior, por meio de entrevistas realizadas a informantes estratificados por sexo (homem e mulher) e faixa etária (18 a 30 anos ou 50 a 65 anos). Nas capitais, os informantes são estratificados também por nível de escolaridade (fundamental e universitário).

Esses inquéritos são formados por um conjunto de estratégias: um questionário voltado para aspectos fonético-fonológicos (QFF), abrangendo também questões de prosódia; um questionário direcionado ao nível semântico-lexical (QSL); e outro voltado à análise morfossintática (QMS). Além disso, são contemplados também questões de pragmática, discursos semidirigidos, questões metalingüísticas e uma leitura de texto em voz alta (Comitê Nacional..., 2001).

Segundo essa metodologia, os inquéritos foram respondidos por 1.100 informantes e os dados têm sido analisados e incorporados a diferentes linhas de investigações linguísticas. Os resultados vêm sendo sistematizados e divulgados por meio de volumes do atlas publicados periodicamente – os dois primeiros foram lançados em 2014, o terceiro em 2023, e os demais encontram-se em fase de elaboração – e outras obras (dissertações, teses, livros...).

A realização de /t, d/ antes da vogal [i] é um dos fenômenos abordados pelo Projeto ALiB, tendo sido analisado em todas as capitais brasileiras por Mota e Oliveira (2023) e agora no interior do Nordeste, como é o caso deste estudo. A Figura 1, a seguir, apresenta a rede de pontos do Projeto ALiB na Região Nordeste, com destaque para as localidades contempladas nesta pesquisa.

Figura 1: Rede de pontos da Região Nordeste (Projeto ALiB)



Fonte: <https://alib.ufba.br/content/rede-de-pontos>.

Este estudo, inserido no contexto do projeto nacional, delimita seu campo empírico nas cidades de Picos (ponto 36) e Corrente (ponto 38), localizadas no interior do Piauí. A caracterização dessas localidades está apresentada de forma sintética na próxima seção.

3.4 LOCALIDADES PESQUISADAS

Nesta seção, são abordados aspectos históricos e atuais das localidades de Picos e Corrente, no Estado do Piauí. São apresentados dados sobre o processo de formação e desenvolvimento desses municípios, com destaque para os fatores sociais, culturais e econômicos que marcaram suas trajetórias ao longo do tempo. Além disso, são informadas algumas características contemporâneas dessas localidades, como área territorial, população e educação.

3.4.1 Município de Picos

O município de Picos está localizado na região centro-sul do Estado do Piauí (cf. Figura 2), com uma área territorial de 577,284 km² e uma população de 83.090 habitantes, conforme dados do Censo 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Figura 2: Localização de Picos-PI



Fonte: Wikipédia, 2025.

A história de origem do Município, ainda segundo o IBGE, remonta ao século XVIII, quando o português Félix Borges Leal fundou a Fazenda Curralinho às margens do Rio Guaribas, região propícia à agricultura e pecuária. Com a chegada de seus parentes e filhos, formou-se o núcleo que deu origem à cidade de Picos, nomeado devido ao relevo montanhoso (IBGE, 2022).

A fertilidade do solo atraiu comerciantes de outros estados, que impulsionaram o crescimento local. Em 1828, foi construída a primeira capela e, com o desenvolvimento da região, a povoação tornou-se freguesia em 1851, vila em 1855 e, finalmente, cidade em 1860. Atualmente, Picos destaca-se como a terceira maior cidade do Piauí e como polo comercial do estado (IBGE, 2022).

Em relação à escolarização, o IBGE aponta que, em 2010, a taxa de escolarização de crianças entre 6 e 14 anos era de 98,3%, posicionando o município em 75º lugar entre os 224 municípios do estado e em 1603º entre os 5570 do país (IBGE, 2022).

Quanto ao Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), em 2023, a rede pública municipal obteve nota 5,1 nos anos iniciais e 4,8 nos anos finais do ensino fundamental. Esses resultados colocaram Picos nas posições 134 e 89 no estado, respectivamente, e nas posições 4076 e 2567 em âmbito nacional (IBGE, 2022).

3.4.2 Município de Corrente

Localizado na região sul do Estado do Piauí, próximo à divisa com a Bahia (cf. Figura 3), o município de Corrente possui uma população de 27.278 habitantes e uma área territorial de 3.048,747 km².

Figura 3: Localização de Corrente-PI



Fonte: Wikipédia, 2025.

Estudos feitos pelo IBGE indicam que o município de Corrente teve início em 1754, com a divisão de terras realizada pelo engenheiro português José da Silva Balmar, a mando do Rei de Portugal. O pioneiro da fundação foi Caetano Carvalho da Cunha, que adquiriu a Fazenda Corrente de Cima (fato que se relaciona como o nome da cidade) e atraiu diversos

agregados, formando o núcleo inicial da povoação. Em 1860, foi criada a Paróquia de Nossa Senhora da Conceição e, em 1872, Corrente foi elevada à categoria de vila (IBGE, 2022).

Após um período de estagnação até 1904, o município começou a se desenvolver com a criação de escolas e o fortalecimento da educação, impulsionado por nomes como Joaquim e Benjamim Nogueira. Em 1920, foi fundado o Instituto Batista Industrial (atualmente Instituto Batista Correntino), com foco na educação e na difusão da fé Batista (IBGE, 2022).

Corrente enfrentou um período de conflitos por ações de bandoleiros entre 1922 e 1924, mas retomou seu progresso com a fundação de instituições educacionais como o Ginásio do Instituto Batista (1947), o Educandário Imaculada Conceição (1949) e o Ginásio São José (1953), reforçando a importância da educação como eixo central de seu desenvolvimento histórico (IBGE, 2022).

Ao longo de sua história, o desenvolvimento local de Corrente tem sido fortemente influenciado pela valorização da educação, consolidada como um dos seus principais eixos estruturantes. Em 2010, a taxa de escolarização de crianças de 6 a 14 anos era de 97,3%, posicionando Corrente na 149^a colocação entre os 224 municípios do estado e na 3221^a em nível nacional. Já em 2023, os resultados do IDEB revelam desafios: a rede pública municipal obteve nota 4,5 nos anos iniciais e 3,7 nos anos finais do ensino fundamental. Esses índices colocaram o município nas posições 186^a e 200^a no estado e 4906^a e 4893^a no país, respectivamente (IBGE, 2022). Esses dados demonstram que, apesar do histórico de valorização da educação, ainda há importantes avanços a serem conquistados na qualidade do ensino oferecido, especialmente nos anos finais do ensino fundamental.

4 PROCEDIMENTOS

O *corpus* desta pesquisa foi constituído a partir de dados coletados pelo Projeto ALiB, motivo pelo qual não precisou ser submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa. Segundo a metodologia do ALiB, em cada localidade do interior (aí incluídas as localidades de Picos e Corrente – PI) foram entrevistados quatro informantes, sendo dois homens e duas mulheres, todos com nível de escolaridade fundamental incompleto. Os informantes foram estratificados por sexo (dois homens e duas mulheres) e também pela idade, sendo dois da faixa etária mais jovem (entre 18 e 30 anos) e dois da faixa etária mais avançada (entre 50 e 65 anos).

Para a coleta dos dados, foram utilizados questionários elaborados pelo Projeto ALiB (cf. Comitê Nacional..., 2001). Nesta pesquisa, foram considerados os seguintes questionários: questionário fonético-fonológico (QFF), questionário semântico-lexical (QSL), questionário morfossintático (QMS), questões de pragmática, discursos semidirigidos e questões metalingüísticas. As perguntas que constavam em tais questionários conduziam o informante à(s) resposta(s) esperada(s), a exemplo da pergunta 49 do QFF: *Qual é o nome de um animal grande que sempre se vê em circo e que possui uma tromba?* Esperava-se que o informante respondesse ‘elefante’. Nesta resposta específica, a título de ilustração, nesta pesquisa, documentamos as realizações ‘elefan[ti]’ e ‘elefan[tʃi]’. Outro exemplo é a resposta para a pergunta 56 do QFF, *E depois da noite, o que é que vem?* A resposta esperada era ‘dia’ e atestamos no *corpus* as realizações ‘[di]a’ e [dʒi]a’.

Desse modo, partindo da escuta dos inquéritos já realizados, todas as palavras que possuíam /t, d/ diante de [i] foram transcritas foneticamente. Após ouvidos e transcritos foneticamente, os dados foram analisados e codificados. Para a codificação dos dados, foram consideradas as seguintes variáveis (Quadro 1).

Quadro 1: Variáveis controladas na pesquisa

Variáveis linguísticas
Vozeamento: consoante surda /t/ ou sonora /d/
Tipo de vogal: fonológica ou derivada
Posição da sílaba: inicial, medial ou final
Tonicidade da sílaba: tônica ou átona
Vogal antecedente: [a, ã], [ɛ, e, ē], [i, ì], [ɔ, o, ò], [u, ù], semivogal anterior [y] ou semivogal posterior [w]
Consoante antecedente: constritiva alveolar, constritiva palatal ou rótico
Nasalidade da vogal: oral ou nasal
Classe de palavras: substantivo, adjetivo, verbo, pronome, numeral, advérbio, preposição
Variáveis sociais
Sexo: masculino ou feminino
Faixa etária: I (18 a 30 anos) ou II (50 a 65 anos)
Variável estilística
Tipo de registro: mais monitorado (QFF, QSL) ou menos monitorado (QMS e demais partes do inquérito, exceto o texto para leitura)
Variável geográfica
Localidade: Picos ou Corrente

Fonte: Elaboração própria.

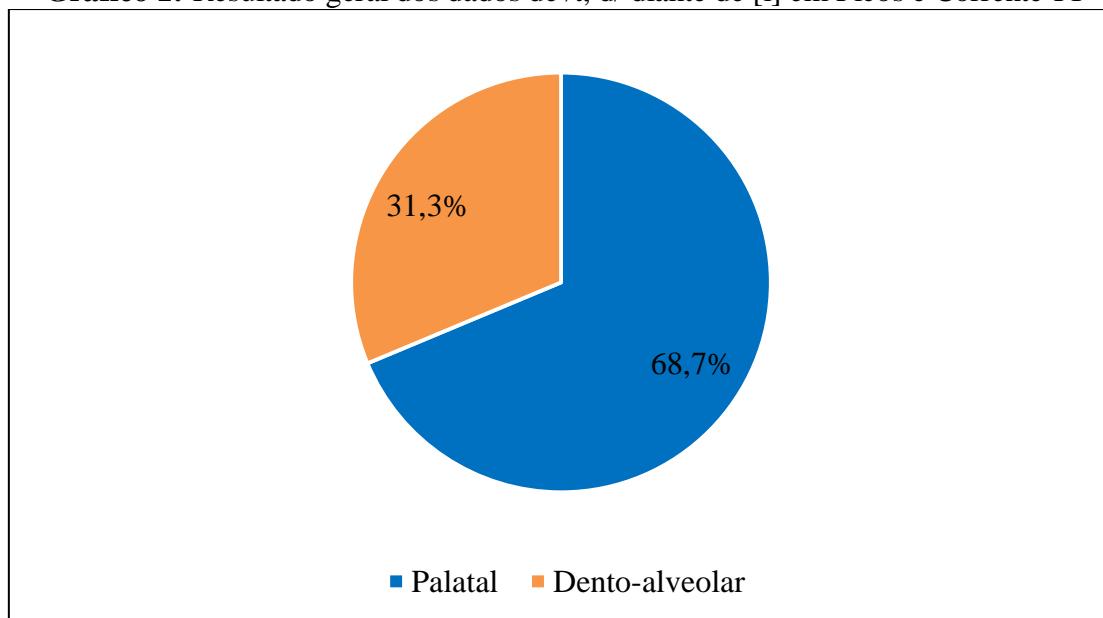
Após codificados, os dados foram transferidos para o Programa GoldVarb X (Sankoff; Tagliamonte; Smith, 2005) e processados para análise estatística. Nessa etapa, o programa retornou as frequências, os pesos relativos e o nível de significância de cada fator e de cada grupo de fatores. Foi feita apenas uma rodada, com todas as variáveis e com todos os fatores, sem amalgamações e sem cruzamentos por limitações de tempo da pesquisa.

Por fim, após o processamento dos dados, realizou-se uma análise quantitativa com base nos grupos de fatores selecionados: ‘Localidade’, ‘Parte do inquérito’, ‘Sonoridade da consoante’, ‘Sexo’, ‘Posição da sílaba’ e ‘Classe de palavra’. Em seguida, os resultados foram interpretados à luz dos aportes teóricos da Dialetologia e da Sociolinguística, como apresentados na seção a seguir.

5 ANÁLISE DOS DADOS

A palatalização das consoantes /t/ e /d/ diante de [i] ocorre em dois contextos distintos: quando antecedem a vogal fonológica /i/, como em *atividade* e *dinâmico*, e quando surgem antes de [i], resultante do alcantamento da vogal /e/ em posição átona (vogal derivada), como em *foguete* e *gabinete*. Ambos os contextos foram considerados nesta pesquisa. A partir da audição, transcrição e codificação dos dados coletados através dos inquéritos realizados nas cidades de Picos e Corrente, no Piauí, foram analisadas 940 ocorrências da variável linguística /t, d/ diante de [i]. Desses dados, 646 (68,7%) apresentam realização palatal, enquanto 294 (31,3%) mantêm a articulação dento-alveolar (Gráfico 1).

Gráfico 1: Resultado geral dos dados de /t, d/ diante de [i] em Picos e Corrente-PI



Fonte: Elaboração própria.

Os resultados indicam que, de modo geral, a realização palatal é dominante em ambas as cidades. No entanto o fenômeno não é categórico, uma vez que 31,3% das ocorrências apresentam realização dento-alveolar. Nesse sentido, a fim de compreender quais variáveis linguísticas condicionam essa manifestação, procedeu-se à análise variaçãoista.

Considerando a palatalização como regra de aplicação o GoldVarb X selecionou como estatisticamente relevantes as variáveis ‘Localidade’, ‘Parte do inquérito’, ‘Sonoridade da consoante’, ‘Sexo’, ‘Posição da sílaba’ e ‘Classe de palavra’, nesta ordem de importância. O *input* final foi de 0,740, o *log likelihood* foi de -473.312 e o nível de significância foi de 0,005. Isso indica que os padrões de variação linguística observados não são aleatórios, mas resultam

da influência das variáveis analisadas, reforçando a confiabilidade dos resultados estatísticos obtidos. Os resultados das variáveis selecionadas são apresentados e analisados em ordem de relevância. Em seguida, é feita uma breve exposição dos grupos de fatores descartados.

5.1 VARIÁVEIS SELECIONADAS

Conforme exposto anteriormente, as variáveis de maior relevância na aplicação da regra de palatalização de /t, d/ diante de [i] nas cidades de Picos e Corrente são: ‘Localidade’, ‘Parte do inquérito’, ‘Sonoridade da consoante’, ‘Sexo’, ‘Posição da sílaba’ e ‘Classe de palavra’. Esses grupos de fatores apresentam correlação com a variação linguística observada.

5.1.1 Localidade

A análise das variáveis selecionadas demonstra que a variável ‘Localidade’ se configura como um fator determinante na caracterização de uma variação diatópica (dialetal), corroborando a hipótese inicial, uma vez que foi a primeira variável escolhida pelo programa Goldvarb X. A seguir, a Tabela 1 expressa, considerando a variante palatal como regra de aplicação, os resultados obtidos:

Tabela 1: Palatalização de /t, d/ diante de [i] e ‘Localidade’

Localidade	Ocorrências/total	Percentual	Peso relativo
Corrente	422/516	81,8%	0,691
Picos	224/424	52,8%	0,273
<i>Range</i>			0,418

Fonte: Elaboração própria.

A localidade de Corrente favorece a palatalização (0,691) e Picos inibe esse fenômeno (0,273), revelando uma variação linguística significativa entre essas cidades do interior do Piauí. Corrente está situada próxima à Bahia, região onde Ribeiro (2018) identificou altos índices de palatalização, o que pode constituir uma hipótese para o favorecimento desse fenômeno na localidade.

Esses resultados dialogam com os resultados obtidos no interior do Ceará (Assis, 2023), onde também se observam diferenças diatópicas. Segundo Assis (2023):

A variável ‘Cidade’ foi a primeira selecionada pelo GoldVarb X, confirmando, assim, a hipótese de variação diatópica. As cidades apresentaram uma quantidade total de dados bastante equilibrada, entretanto há uma diferença dialetal considerável, com Sobral favorecendo a palatalização e Iguatu a inibindo. (Assis, 2023, p.26)

A partir desse paralelo, amplia-se a compreensão sobre os padrões fonéticos nas diferentes regiões nordestinas. Em contraste, na capital do Ceará, Fortaleza, a realização palatal é categórica. Já em Teresina, capital do Piauí, os índices de palatalização também são significativamente altos, com apenas 2% de variantes dentais quando o [i] é fonológico e 8% quando é derivado, conforme Mota e Oliveira (2023). Esses dados indicam que, enquanto cidades do interior ainda preservam variações fonéticas mais marcantes, as capitais tendem a seguir padrões linguísticos mais homogêneos, influenciados pela chamada “norma” urbana.

Nesse sentido, o *range*, valor que representa a diferença entre os pesos relativos máximo e mínimo, expressa a força da variável ‘Localidade’ na correlação com o fenômeno analisado. Assim, o valor de 0,418 indica uma influência considerável da ‘Localidade’ na aplicação da regra de palatalização.

5.1.2 Parte do inquérito

Quanto à variável ‘Parte de questionário’, observou-se que os questionários fonético-fonológico e semântico-lexical, por serem mais monitorados, favorecem a palatalização (0,606). De forma contrastante, o questionário morfossintático e os temas livres, que apresentam menor grau de monitoramento, tendem a inibi-la (0,396). O *range* de 0,210 confirma a influência dessa variável.

Tabela 2: Palatalização de /t, d/ diante de [i] e ‘Parte do inquérito’

Parte do inquérito	Ocorrências/total	Percentual	Peso relativo
[+ monitorado] (QFF e QSL)	365/466	78,3%	0,606
[- monitorado] (QMS e discursos semidirigidos)	281/474	59,3%	0,396
	<i>Range</i>		0,210

Fonte: Elaboração própria.

Faraco (2008) define a norma culta² como a variedade linguística predominante entre falantes urbanos com escolaridade superior, especialmente em contextos formais e monitorados, em que há maior atenção ao uso da língua. Nesse sentido, observa-se que a palatalização tende a ocorrer com mais frequência justamente nesses contextos de fala mais controlada.

Isso se deve ao fato de que, em situações formais, os falantes geralmente recorrem a marcas linguísticas socialmente valorizadas e associadas à norma culta, buscando adequar-se às expectativas de prestígio e correção linguística. Assim, a escolha pela palatalização pode ser interpretada não apenas como um traço fonético mas como um marcador de adequação sociolinguística à variedade prestigiada.

Esse padrão não se restringe ao Piauí. Estudos realizados em outras regiões do Nordeste apontam resultados semelhantes. No interior da Paraíba, nas cidades de Cuité e Campina Grande, Lima (2024, p. 34) identificou um aumento no uso da variante palatal em contextos mais monitorados, observando que, “quanto à variável estilística ‘Tipo de registro’, observa-se um leve aumento de uso da variante palatal no registro mais monitorado (30%)”.

De modo semelhante, Assis (2023, p. 30), ao analisar duas cidades do interior do Ceará (Sobral e Iguatun), concluiu que “a palatalização ocorre em maior nível no contexto mais monitorado e em menor nível no contexto menos monitorado”. Embora com variações nos percentuais, os três estudos apontam na mesma direção: o grau de monitoramento da fala exerce influência significativa na escolha pela variante palatal.

Esse comportamento linguístico, caracterizado pela tentativa de aproximação às formas socialmente valorizadas da língua, é explicado por Labov (2008 [1972]):

A grande flutuação na variação estilística exibida pelos falantes da classe média baixa, sua hipersensibilidade a traços estigmatizados que eles mesmos usam e a percepção inexata de sua própria fala, tudo isso aponta para um alto grau de insegurança lingüística nesses falantes. A insegurança lingüística pode ser medida diretamente por diversos métodos que são independentes dos índices fonológicos. (Labov, [2008] 1972, p. 161)

Portanto, segundo o autor, esse fenômeno é especialmente evidente entre falantes da classe média baixa, que tendem a apresentar maior variação estilística, forte sensibilidade a traços estigmatizados que eles próprios utilizam e percepção imprecisa sobre sua própria fala,

² Nesse mesmo texto, o autor também critica o uso do adjetivo “culto” para caracterizar essa variedade linguística e questiona o possível estigma às normas que não seriam “cultas”. Talvez a denominação norma de prestígio seja mais apropriada, porém este não é o foco desta monografia.

aspectos que revelam um elevado grau de insegurança linguística.

5.1.3 Sonoridade da consoante

A terceira variável selecionada pelo GoldVarb X foi ‘Sonoridade da consoante’, diferenciando entre a surda /t/ e a sonora /d/. A análise revelou que a consoante /t/ apresenta um índice de palatalização mais alto (peso relativo de 0,628) em comparação à consoante /d/ (0,402). Em outras palavras, o /t/ ocorre com palatalização em 76,8% dos casos, enquanto o /d/ apresenta esse fenômeno em 62,6%, embora possua mais ocorrências totais, conforme apresentado na Tabela 3.

Esses achados contrastam também com os resultados observados por Lima (2024) em seu estudo nas cidades paraibanas. Na pesquisa mencionada, a autora constatou que a consoante sonora /d/ favorece a palatalização, ao passo que a surda /t/ tende a inibi-la. Segundo a autora, /d/ apresentou palatalização em 39% das ocorrências, com peso relativo de 0,663, sugerindo que o fenômeno, naquelas localidades, se inicia com a consoante sonora, resultado que contraria a hipótese inicial de que /t/ lideraria o processo devido à sua maior frequência nos dados analisados.

Essa comparação evidencia que o comportamento da palatalização pode variar significativamente entre diferentes regiões do Nordeste, reforçando a natureza dialetal e multifatorial do fenômeno.

Tabela 3: Palatalização de /t, d/ diante de [i] e ‘Sonoridade da consoante’

Consoante	Ocorrências/total	Percentual	Peso relativo
[- sonora] (/t/)	311/405	76,8%	0,628
[+ sonora] (/d/)	335/535	62,6%	0,402
<i>Range</i>			0,226

Fonte: Elaboração própria.

Ademais, o *range* de 0,226 sugere que a variável ‘Sonoridade da consoante’ exerce uma influência significativa no fenômeno da palatalização, destacando a relevância dessa característica na análise fonológica. São exemplos de dados com a consoante sonora /d/ *bandido, mandioca, difícil* e exemplos de dados com a consoante surda /t/ *restaurante, interessante, prateleira*.

5.1.4 Sexo

A variável ‘Sexo’, selecionada em quarto lugar (com *range* de 0,263), revelou que as mulheres favorecem a palatalização (0,602), enquanto os homens a inibem (0,399). Esse resultado remete à observação de Labov (2001) segundo a qual, em contextos de variação estável, os homens tendem a empregar formas não padrão com maior frequência, enquanto as mulheres demonstram preferência por formas prestigiadas.

Segundo Paiva (2004, p. 41 apud Aureliano; Oliveira, 2017, p. 5), “o papel social que o homem ou a mulher exercem irá influenciar em seu comportamento linguístico”, sendo a mulher mais exigida e julgada nos vários papéis que desempenha na sociedade, inclusive no aspecto linguístico (Aureliano; Oliveira, 2017, p. 5). Por conseguinte, como a palatalização é a forma prestigiada do português brasileiro, as mulheres tendem a reproduzi-la com maior frequência do que os homens, o que é ratificado nos resultados desta pesquisa (cf. Tabela 4).

Tabela 4: Palatalização de /t, d/ diante de [i] e ‘Sexo do informante’

Sexo	Ocorrências/total	Percentual	Peso relativo
Mulheres	339/467	72,6%	0,602
Homens	307/473	64,9%	0,339
<i>Range</i>			0,263

Fonte: Elaboração própria.

O sexo é também um construto social. Em outras palavras, envolve um conjunto de ideias, valores e expectativas que são culturalmente construídos. Assim, o que entendemos por “masculino” ou “feminino” não se limita à biologia, mas está profundamente enraizado em normas sociais e culturais que moldam comportamentos, identidades e papéis sociais atribuídos a cada sexo (Johnson, 1997, p. 205), repercutindo também nas escolhas linguísticas e nas formas de expressão adotadas pelos indivíduos.

Estudos realizados no interior do Maranhão (Santos, 2018) e da Bahia (Ribeiro, 2018) apontam resultados semelhantes. Em ambos os casos, observou-se que as mulheres palatalizam mais, sendo que, nas localidades maranhenses analisadas (Imperatriz e Alto Parnaíba), todas as ocorrências de realização não-palatal foram registradas por homens. Já na Bahia, os pesos relativos da variante palatal também foram mais altos entre as mulheres (0,560), em comparação com os homens (0,441), o que dialoga com os resultados do interior do Piauí (cf. Tabela 4).

5.1.5 Posição da sílaba

A variável ‘Posição da sílaba’ foi a quinta selecionada pelo programa estatístico utilizado. Os dados referentes a essa variável foram organizados de acordo com três categorias: sílaba inicial, como em palavras como *tijolo*, *dilúvio* e *diamante*, sílaba medial, exemplificada em termos como *latitude*, *pedido* e *batida*, e sílaba final, encontrada em palavras como *virtude*, *parte* e *saudade*. Os resultados para esse grupo de fatores estão apresentados na Tabela 5.

Tabela 5: Palatalização de /t, d/ diante de [i] e ‘Posição da sílaba’

Posição da sílaba	Ocorrências/total	Percentual	Peso relativo
Medial	119/139	85,6%	0,739
Inicial	264/420	62,9%	0,487
Final	263/381	69%	0,420
<i>Range</i>			0,319

Fonte: Elaboração própria.

Segundo os resultados obtidos, essa variável demonstra sua influência na palatalização quando a sílaba é medial (0,739); por outro lado, esse processo fonético é menos recorrente em posição inicial (0,487) e em posição final (0,420), onde a palatalização é inibida. Conforme Silva (2003, p. 92), a organização das sílabas e sua posição nas palavras influenciam consideravelmente a variação fonética, uma vez que a continuidade articulatória em sílabas mediais pode favorecer fenômenos como a palatalização.

O *range* observado foi de 0,319, valor que expressa a amplitude de variação entre os pesos relativos das categorias dessa variável. Esse índice sinaliza que há diferenças relevantes no comportamento da palatalização a depender da posição da sílaba na palavra. Assim, quanto maior o *range*, mais decisiva tende a ser a influência da variável analisada no fenômeno em questão e, neste caso, reforça a importância da posição silábica na escolha pela variante palatal.

Evidências compatíveis foram identificadas em outras regiões do Nordeste. No interior da Paraíba, Lima (2024) também constatou maior propensão à palatalização em sílabas mediais. No Maranhão, Santos (2018) observou que a maioria das realizações não-palatais ocorreu nas posições final e inicial da palavra, apontando para uma direção analítica próxima. De modo análogo, Dantas (2018), ao investigar dados das cidades de Camocim e Crato, no interior do Ceará, verificou que a palatalização é favorecida nas posições medial (0,871) e inicial (0,721), sendo inibida em posição final (0,214).

Considerando esses dados em conjunto, percebe-se um padrão regional consistente: a palatalização de /t, d/ diante de [i] tende a ocorrer com maior frequência quando os segmentos estão em posição medial da palavra. Tal constatação reforça a hipótese de que aspectos articulatórios relacionados à estrutura silábica desempenham um papel decisivo na manifestação desse fenômeno fonético.

5.1.6 Classe de palavra

Finalmente, a última variável selecionada, ‘Classe de palavra’, abrange sete categorias gramaticais: substantivo, verbo, adjetivo, advérbio, preposição, pronome e numeral. Os resultados indicam que a palatalização ocorre com maior frequência nos numerais (0,775), nos substantivos (0,544) e nas preposições (0,538). De modo oposto, esse fenômeno é inibido nos advérbios (0,422), nos verbos (0,398) e nos adjetivos (0,394), sendo significativamente inibido nos pronomes (0,089) (Tabela 6).

O valor do *range* obtido (0,686) evidencia uma considerável variação entre os diferentes grupos de fatores dessa variável, o que revela o impacto da classe gramatical na ocorrência da palatalização. Tal amplitude sugere que os contextos morfossintáticos exercem influência relevante sobre a aplicação da palatalização de /t, d/ diante de [i].

Tabela 6: Palatalização de /t, d/ diante de [i] e ‘Classe de palavra’

Classe de palavra	Ocorrências/total	Percentual	Peso relativo
Numeral	18/21	85,7%	0,775
Substantivo	309/402	76,9%	0,544
Preposição	138/213	64,8%	0,538
Advérbio	40/65	61,5%	0,422
Verbo	60/108	55,6%	0,398
Adjetivo	79/127	62,2%	0,394
Pronome	2/4	50%	0,089
<i>Range</i>			0,686

Fonte: Elaboração própria.

Conforme os dados apresentados na Tabela 6, verifica-se que os numerais (dezesseis, dezoito, sete), substantivos (elefante, liquidificador, noite, dia) e preposições (de) são as classes gramaticais que mais favorecem o processo de palatalização. A elevada porcentagem observada

nessas categorias pode ser explicada pelo fato de que elas concentram a maior quantidade de ocorrências do contexto fonológico /t, d/ diante de [i]. No total, essas classes reúnem 465 registros, correspondendo a aproximadamente metade das 940 ocorrências codificadas.

Esse padrão também se alinha aos achados de Assis (2023), que, ao analisar dados do interior do Ceará, identificou os substantivos como a classe com maior favorecimento à palatalização. Já Lima (2023), investigando o interior da Paraíba, destacou pronomes, verbos e numerais como categorias propensas à realização da variante palatal, revelando variações locais nos contextos mais favorecedores.

Por sua vez, Bulcão (2018), em estudo sobre Caruaru e Garanhuns (PE), observou que preposições e verbos apresentaram pesos relativos mais altos, enquanto as demais classes, incluindo pronomes e adjetivos, tenderam a inibir o fenômeno.

Esses resultados, embora diversos, convergem ao demonstrar que os fatores morfossintáticos interagem de maneira complexa com os fonológicos, contribuindo para a variação observada. No caso do Piauí, os dados evidenciam um padrão em que classes com alta frequência no discurso cotidiano, especialmente numerais, substantivos e preposições, favorecem a realização palatal. Isso reforça a hipótese de que a classe gramatical, aliada à frequência de uso e à estrutura prosódica das palavras, atua como um elemento condicionador relevante no processo de variação e mudança linguística.

5.2 VARIÁVEIS DESCARTADAS

Os pesos relativos das variáveis descartadas não podem ser obtidos, contudo os percentuais correspondentes são apresentados na Tabela 7, com a finalidade de oferecer subsídios informativos e possivelmente auxiliar na expansão futura da base de dados da pesquisa ou no aperfeiçoamento da análise proposta.

Na análise sobre a palatalização de /t, d/ diante de [i], foram considerados diferentes grupos de fatores linguísticos e, após a rodada no GoldVarb X, seis variáveis foram descartadas por não apresentarem relevância estatística. São elas: ‘Vogal antecedente’, ‘Faixa etária’, ‘Natureza da vogal’, ‘Nasalidade da vogal’, ‘Tonicidade de sílaba’ e ‘Consoante antecedente’, como evidenciado a seguir, na Tabela 7.

Tabela 7: Percentual de palatalização nas variáveis descartadas

Variável	Fatores	Ocorrências/total	Percentual
Vogal antecedente	/i/, /y/	46/57	80,7%
	/a/	88/118	74,6%
	/E/	134/182	73,6%
	/u/, [w]	20/28	71,4%
Faixa etária	/O/	49/69	71%
	18 a 30 anos	252/360	70%
	50 a 65 anos	394/580	67,9%
Natureza da vogal	Fonológica	224/319	70,2%
	Derivada	422/621	68%
Nasalidade da Vogal	Nasal	28/37	75,7%
	Oral	618/903	68,4%
Tonicidade da Sílaba	Átona	384/550	69,8%
	Tônica	262/390	67,2%
Consoante antecedente	[ʃ]	17/19	89,5%
	[s]	5/6	83,3%
	/R/	20/35	57,1%

Fonte: Elaboração própria.

Ao considerar os percentuais em uma análise preliminar, pode-se inferir que a palatalização ocorre com maior frequência quando a vogal antecedente é [i] e com menor frequência quando a vogal antecedente é /O/.

Observa-se que, na variável ‘Faixa etária’, a palatalização ocorre com maior frequência entre os falantes mais jovens, o que é condizente com resultados obtidos em outras localidades do Nordeste e em outras regiões do país. Dados do Projeto ALiB, por exemplo, mostram que, na Bahia, as variáveis sociais que mais favorecem a ocorrência da palatalização são a faixa etária mais jovem e o sexo feminino (Ribeiro, 2018, p. 104) e que, em algumas localidades do Rio Grande do Sul, a palatalização também é favorecida pela faixa etária I (Mota; Oliveira, no prelo). A coorelação entre a palatalização e a faixa etária do informante também foi atestada por Mota e Oliveira (2023) para as capitais brasileiras, com os falantes mais jovens na liderança do processo de mudança.

No que se refere à variável ‘Natureza da vogal’, a sua classificação considera dois grupos distintos de sua ocorrência: o primeiro abrange palavras em que o [i] é fonológico, ou seja, faz parte

da estrutura fonológica da palavra, como em *batida*, *dinheiro*, *latinha*, *dia*. O segundo grupo, por sua vez, abrange casos em que o [i] é derivado, surgindo em contextos como *bondade*, *cidade*, *leite*, *enteado*. Assim, diante dos resultados, observa-se que a presença da vogal [i] fonológica tende a favorecer a palatalização. Em contrapartida, nos contextos em que a vogal é derivada, há menor propensão à ocorrência do fenômeno.

Ademais, verificam-se mais ocorrências de vogais orais em comparação às nasais, embora as últimas apresentem maior propensão à palatalização.

Quanto à variável ‘Tonicidade da sílaba’, as sílabas átonas, predominantes no *corpus* analisado, também se mostram relevantes nesse processo, pois apresentam um percentual levemente maior de palatalização do que as sílabas tônicas..

Observa-se, ainda, que a consoante antecedente que apresenta maior índice de palatalização é o segmento /ʃ/, conforme indicam os percentuais obtidos. Isso se explica por um processo assimilatório.

Ressalta-se, contudo, que apenas uma investigação mais aprofundada poderá elucidar, de forma conclusiva, a influência efetiva dessas variáveis que foram descartadas por não apresentarem relevância estatística.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta monografia é fruto da pesquisa desenvolvida no âmbito da Iniciação Científica, cujo objetivo principal foi contribuir para a descrição do português brasileiro. Ao longo do estudo, as discussões fomentadas e os resultados alcançados, analisados à luz da Dialetologia e da Sociolinguística, evidenciaram a importância de se compreender e valorizar a diversidade linguística no país. Reforça-se, assim, a relevância de investigações que considerem a variação e a dinamicidade das línguas em uso real.

A investigação foi realizada com o suporte do programa GoldVarb X, utilizado para o processamento estatístico dos dados, após as etapas de audição, transcrição fonética e codificação dos dados. O *corpus*, cedido pelo Projeto ALiB, foi composto por oito entrevistas, quatro realizadas em Picos e quatro em Corrente, ambas cidades do Estado do Piauí.

Foram analisadas 940 ocorrências da realização de /t, d/ diante de [i]. Dentre essas, 646 (68,7%) apresentaram realização palatalizada e 294 (31,3%), articulação dento-alveolar. Esses dados demonstram que a palatalização predomina entre os falantes das cidades analisadas, embora o fenômeno não seja categórico, uma vez que uma parcela significativa ainda realiza a forma dento-alveolar. Essa observação responde à primeira questão da pesquisa: “Predomina a articulação palatalizada ou dento-alveolar entre os falantes dessas cidades?”.

A análise estatística permitiu identificar as variáveis linguísticas que mais influenciam essa variação, em ordem de importância: ‘Localidade’, ‘Parte do inquérito’, ‘Sonoridade da consoante’, ‘Sexo’, ‘Posição da sílaba’ e ‘Classe de palavra’. Essas variáveis respondem à segunda pergunta da pesquisa: “Quais variáveis linguísticas atuam nessa variação?”.

No tocante às variáveis sociais ‘Sexo’ e ‘Faixa etária’, terceira pergunta da investigação: “As variáveis sociais influenciam essa variação?” —, verificou-se que o ‘Sexo’ ocupa o quarto lugar em relevância. Os dados revelam que as mulheres favorecem a palatalização (peso relativo de 0,602), enquanto os homens tendem a inibi-la (0,399). Por outro lado, a ‘Faixa etária’ não apresentou influência estatisticamente significativa e, portanto, foi descartada, o que indica uma variação estável nas comunidades pesquisadas. Esses achados dialogam com as observações de Labov (2001), que afirma que, em contextos de variação estável, os homens tendem a manter formas não padrão, enquanto as mulheres preferem variantes mais prestigiadas.

A quarta e última questão — “Há diferença entre as duas cidades?” — teve como resposta a constatação de uma variação diatópica. Os dados demonstram que o município de Corrente favorece fortemente a palatalização (peso relativo de 0,691), ao passo que Picos

contribui para sua inibição (0,273). ‘Localidade’ foi, inclusive, a variável de maior relevância identificada na análise estatística.

Outros grupos de fatores também foram identificados como apresentando correlação com a palatalização de /t, d/ diante de [i] nessas localidades.

Quanto à variável ‘Parte do questionário’, o QFF e o QSL, mais monitorados, favorecem a palatalização; já o QMS e os temas livres, menos monitorados, tendem a inibi-la.

No que tange à ‘Sonoridade da consoante’, observou-se que /t/, consoante surda, apresenta índice de palatalização superior (0,628) ao de /d/, consoante sonora (0,402).

A variável ‘Posição da sílaba’ também mostrou influência significativa: a palatalização ocorre com mais frequência na posição medial (0,739), sendo menos frequente nas posições inicial (0,487) e final (0,420).

Por fim, no que se refere à ‘Classe de palavra’, a palatalização é mais comum em numerais (0,775), seguida por substantivos (0,544) e preposições (0,538). Por outro lado, o processo é inibido em advérbios (0,422), verbos (0,398) e adjetivos (0,394), sendo significativamente inibido em pronomes (0,089).

Conclui-se que os resultados desta pesquisa ampliam a compreensão sobre os fatores linguísticos e sociais que condicionam a palatalização de /t, d/ diante de [i] no português brasileiro. Trata-se de uma contribuição relevante para o mapeamento das variedades regionais da língua, especialmente no contexto do interior do Nordeste.

Além disso, tais achados fortalecem a luta contra o preconceito linguístico, ao evidenciar e valorizar as particularidades fonéticas dos falantes locais. Espera-se, portanto, que os pontos de coleta no Estado do Piauí sejam ampliados, assim como do restante do interior do País, e que estudos como este ganhem maior visibilidade e reconhecimento acadêmico.

REFERÊNCIAS

- ALKMIM, T. M. Sociolinguística: parte I. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (org.). **Introdução à linguística**, v. 1., 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001. p. 21-47.
- ASSIS, M. A. **A realização de /t, d/ diante de [i] no interior do Ceará**: análise de dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). 2023. 37f. TCC (Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2023.
- AURELIANO, É. R. L.; OLIVEIRA, J. M. A variação linguística entre gênero e sexo nas redes sociais: uma breve análise do Facebook. **Revista Letra Magna**, v. 13, n. 20, p. 1-10, 2017.
- BAGNO, M. **Preconceito linguístico**. 52. ed. São Paulo: Parábola, 2015.
- BULCÃO, C. L.; OLIVEIRA, J. M. **Realização de /t, d/ diante de [i] no interior de Pernambuco**: análise de dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). 2018. Artigo inédito.
- CAMACHO, R. G. Sociolinguística: parte II. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (org.). **Introdução à linguística**. v. 1, 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001. p. 49-75.
- CARDOSO, S. A. A geolinguística no terceiro milênio: monodimensional ou pluridimensional? **Revista do GELNE**, v. 4, n. 2, p. 3-14, 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9088>. Acesso em: 20 mar. 2023.
- CARDOSO, S. A. **Geolinguística**: tradição e modernidade. São Paulo: Parábola, 2010.
- CARDOSO, S. A.; MOTA J. A. Projeto Atlas Linguístico do Brasil: antecedentes e estágio atual. **Alfa**, v. 56, n. 3, São Paulo, p. 855-870, 2012.
- CHINOY, E. **Sociedade**: uma introdução à sociologia. Tradução de Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Cultrix, 1991.
- COELHO, I. L. et al. **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2018.
- COMITÊ NACIONAL do Projeto ALiB. **Atlas linguístico do Brasil**. Questionários 2001. Londrina: UEL, 2001.
- DANTAS, R. A. **A realização de /t, d/ diante de [i] no interior do Ceará**: análise de dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). 2018. 34f. TCC (Licenciatura em Letras com Francês) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2018.
- FARACO, C. A. **Norma culta brasileira**: desatando alguns nós. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Corrente – PI**. Rio de Janeiro: IBGE, [2022]. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pi/corrente.html>. Acesso em: 3 mai. 2025.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA ESTATÍSTICA. **Picos – PI**. Rio de Janeiro: IBGE, [2022]. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pi/picos.html>.

Acesso em: 3 mai. 2025.

JOHNSON, A. G. **Dicionário de sociologia**: guia prático da linguagem sociológica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LABOV, W. **Principles of linguistic change**: social factors. Oxford: Blackwell, 2001.

LABOV, W. **The social stratification of English in New York City**. Washington, D.C.: Center for Applied Linguistics, 1966.

LIMA, Z. A. P. **A realização de /t, d/ diante de [i] no interior da Paraíba**: análise de dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). 2024. 38f. TCC (Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2024.

MOTA, J. A.; OLIVEIRA, J. M. As consoantes oclusivas /t, d/ diante de [i]. In: MOTA, J. M; RIBEIRO, S. S. C.; OLIVEIRA, J. M. (org.). **Atlas linguístico do Brasil**, vol. 3: comentários às cartas linguísticas 1. Londrina: EDUEL, 2023. p. 117-135.

MOTA, J. A.; OLIVEIRA, J. M. Palatalização das consoantes oclusivas /t, d/ diante da vogal anterior alta nos dados do ALiB. Texto em homenagem a Adolfo Elizaincín, a ser publicado em um livro no Uruguai em 2025.

RIBEIRO, M. A. M. **A palatalização das oclusivas dentoalveolares antes de [i] no interior baiano**. 2018. 111f. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E. **GoldVarb X** – a multivariate analysis application. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005.

SANTOS, S. S. **A realização de /t, d/ diante de [i] no interior do Maranhão**: análise de dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). 2018. 33f. TCC (Licenciatura em Letras com Espanhol) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2018.

SILVA NETO, S. **Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil**. 5. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1986 [1950].

SILVA, T. C. **Fonética e fonologia do português**: roteiro de estudos e guia de exercícios. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 2001.

THUN, H. O velho e o novo na geolinguística. Trad. de Cláudia Pavan, Gabriel Schmitt, Eduardo Nunes e Viktorya Santos. **Cadernos de Tradução**, n. 40, Porto Alegre, p. 59-81, 2017.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Trad. Marcos Bagno; revisão técnica Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

WIKIPÉDIA. Corrente (Piauí). **Wikipédia**: a encyclopédia livre. San Francisco: Wikimedia

Foundation, 2025. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Corrente_\(Piau%C3%AD\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Corrente_(Piau%C3%AD)). Acesso em: 3 mai. 2025.

WIKIPÉDIA. Mapa de localização de Picos – PI. **Wikipédia**: a enciclopédia livre. San Francisco: Wikimedia Foundation, 2025. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Picos#/media/Ficheiro:Brazil_Piau%C3%AD_Picos_location_map.svg. Acesso em: 3 mai. 2025.